
A NARRATIVA ORAL E O DESENHO DA CRIANÇA: UMA LEITURA INTERACIONISTA⁴²

Marcele Viana Santos
(UESB)

Silvana Perottino
(UESB)

RESUMO:

O presente trabalho busca compreender a narrativa oral de duas crianças – que frequentam o 1º ano do ensino fundamental –, a partir de seu próprio desenho, numa perspectiva de sua relação com a língua. Para tanto, partimos das reflexões de De Lemos, na qual é destacada aquisição de linguagem como processo de subjetivação na/pela linguagem, ou seja, as relações da criança na/pela linguagem possibilitam-na passar do estado de infans à condição de sujeito falante, através de mudanças que ocorrem no percurso da criança na narrativa – que vão desde incorporações da fala do adulto até a sustentação de um fio narrativo.

PALAVRAS-CHAVE: Aquisição de linguagem, Interacionismo, Narrativa infantil.

⁴² TRABALHO VINCULADO AO PROJETO DE PESQUISA PROJETO: A NARRATIVA NOS ESTUDOS EM AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM E NO CONTEXTO PATOLÓGICO, COORDENADO PELA PROFA. DRA. SILVANA PEROTTINO DO PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM LINGUISTICA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB).

*Mestranda do Programa Programa de Pós Graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); Bolsista CAPES

** Professora Doutora titular do Programa de Pós Graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

INTRODUÇÃO

Este trabalho é centrado na perspectiva interacionista em aquisição da linguagem (DE LEMOS, 2002; PEREIRA DE CASTRO; FIGUEIRA, 2006; LIER-DE VITTO; CARVALHO, 2008), partindo do pressuposto de que as mudanças que ocorrem na narrativa oral da criança – desde incorporações da fala do adulto, fragmentos presentes até a sustentação de um fio narrativo pela criança – não são atribuídas a um desenvolvimento ou a uma superação de etapas, segundo as quais se poderia supor uma evolução em termos de conhecimento sobre a língua por parte da criança.

Trata-se, ao contrário, do efeito de um processo de subjetivação na/pela linguagem, do comparecimento na fala da criança de fragmentos da fala do adulto e de outros textos, da presença de erros como resultado de cruzamentos entre segmentos de origens diversas – erros instáveis que inviabiliza sua descrição em termos de categorias da língua (LIER-DE VITTO; CARVALHO, 2008, p. 128) – e de outra posição por parte da criança na sua relação com a língua, na qual já é possível dizer de uma escuta para a sua própria fala e a do outro.

No deslocamento da criança em decorrência de sua própria relação com a língua, são indicadas três posições da criança na estrutura: (1) na primeira posição, há dominância da fala do outro, (2) na segunda, há dominância do funcionamento da língua e (3) na terceira considera-se que é a posição do sujeito falante, que se divide entre aquele que fala e aquele que escuta sua própria fala/do outro, por isso ocorrem retomadas e reformulações. Lembramos também que essa estrutura é a mesma em que se move o adulto, um já falante da língua.

Consideramos que o interacionismo inaugura um espaço fértil de reflexão sobre a fala da criança, e se apresenta como uma alternativa à noção de desenvolvimento da linguagem predominante no campo de

aquisição da linguagem. Baseia-se na dependência dialógica entre o enunciado da criança e o do seu interlocutor adulto e em um olhar/uma escuta para as mudanças que ocorrem na fala da criança distinto daquele que busca regularidades ou processos universalizantes por meio dessa fala.

Nos orientamos na concepção de que a criança não desenvolve a linguagem, mas que há uma captura desta por um funcionamento linguístico, que tem como representante o outro falante (LEMOS, 2002; DE LEMOS, 2002; LIER-DE-VITTO; CARVALHO, 2008).

MATERIAL E MÉTODOS

O material de análise aqui apresentado faz parte da pesquisa de mestrado em andamento na área de Linguística, realizada na escola Municipal Bem Querer, localizada no campus da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, em Vitória da Conquista. Refere-se ao desenho de duas alunas realizados em sala de aula no dia em 28 setembro de 2011, quando a professora narrou a história pela primeira vez, seguido da transcrição da recontagem individual da história, realizada no dia 19 dezembro de 2011, que foi solicitada pela investigadora ao entregar às crianças o seu próprio desenho.

No quadro teórico-metodológico focalizamos especificamente o contexto de reconto de histórias da literatura infantil no ambiente escolar, produzidas por duas crianças, gravadas em áudio e transcritas⁴³ no contexto recontagem individual da história para o investigador.

43 Utilizamos como padrão de transcrição dos diálogos o mesmo que Perottino (2009), quando em sua tese de doutorado, faz uma aproximação com a língua escrita, caso do ponto final, por exemplo, usado para um enunciado afirmativo. Quando as pausas são mais longas, três pontos (...) no lugar da vírgula, esta sim uma pausa curta. A marcação () isolada indica que a transcrição da sessão foi interrompida, mas será retomada mais adiante. Os prolongamentos de vogais ou consoantes são marcados por dois pontos. A ênfase em determinada sílaba ou palavra aparece sublinhada. O hífen marca a separação de sílabas na palavra, ou seja, quando ela foi produzida pausadamente. Quando a fala da professora ou da



Figura 01: Desenho realizado pela criança 01

Narrativa da Criança 01, 06 anos, 1º. ano ensino fundamental:

“Era uma vez... João e Maria foi para a casa... viu uma casinha... aí... cheia de doces, quando eles entraro, a bruxa pegaram eles e depois, botou João... (a criança interrompe e pergunta) ... para fazê o quê? (investigadora faz expressão facial de não saber a resposta) botou João na gaiola e Maria cozinhô pa/ para bruxa e aí João pegou um osso, botou no dedo pra enganá a bruxa e... e João enganaro a bruxa, a bruxa sotaro eles e eles saiu... ele saiu.. e a/a:á até encontrô a casinha deles, o pai e a mãe... e assim eles viveu feliz”.

criança é interrompida foi usada a barra simples. Os colchetes no final de dois ou mais enunciados (ou palavras) em sequência indicam que eles (ou parte deles) foram falados simultaneamente pela professora e pela criança ou por duas ou mais crianças. Entre parênteses está descrita a situação em que ocorreu o diálogo ou a narrativa. As palavras em negrito foram assinaladas por receberem uma análise mais detalhada neste trabalho.



Figura 02: Desenho realizado pela criança 02

Narrativa da Criança 02, 07 anos, 1º. ano ensino fundamental:

“ Era uma vez João e Maria foi caçar comida, quando eles chegaro ouviro a mãe conversando que eles não podia morá lá mais na casa. Eles pegou achou uma casa de doce aí eles entrou quando foi a bruxa. A bruxa foi lá, colocou João dentro de uma gaiola, pegô e mando Maria cuzinhá um mingau pra ingordá João, aí quando foi, mandou, mandou e quando João cunzinhô, aí a bruxa mando João mostrá o dedim dele pra vê que tá gordo, mas não era o dedinho dele, era o osso. Aí quando foi, eles foi acho uma caixa de ouro, aí eles pegaro e chamaro a mãe e o pai e pá vê a caixa de ouro. Quando foi acharo a caixa de ouro eles ficaro rico e viveram, é... veviram feliz para sempre”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Iniciamos esta seção destacando que ambas crinaças iniciaram a narrativa com ‘*Era uma vez...*’ e finalizaram com “*viveram felizes (para sempre)*”, tal qual nos contos maravilhosos, o que pode ser interpretado como um efeito da escrita (de textos escritos lidos ou falados pelo adulto) sobre a fala da criança.

No relato da história através do desenho, elas trouxeram fragmentos da história escutada em sala de aula, bem como de outras que circulam no contexto escolar e fora dele. Consideramos que há o efeito da fala da professora e/ou leituras de outros textos, ou seja, um efeito da escrita sobre a fala da criança. A fala da criança assume nesse contexto de contagem de história a partir do desenho realizado por ela “ares” de língua escrita (BOSCO, 2005, p. 27).

A criança 01 faz inicialmente uma pausa e refaz a sua fala quando começa a leitura do desenho. É possível notar que, à semelhança do ato da professora para introduzir a história “João e Maria”, essa aluna também coloca o foco da história na casa de chocolate/bruxa, que se desloca do espaço/lugar onde ocorre a história para o de personagem.

Na fala da criança 02 aparece a flexão verbal de terceira pessoa do plural no lugar da de terceira do singular no contexto em que se trata de um único personagem (bruxa, João). A análise do fenômeno como sendo de hipercorreção (“a bruxa pegaram eles” e “João enganar ela”, “a bruxa sotar eles”) pode apagar, do nosso ponto de vista, a relação singular da criança com a língua, pois, de acordo com a primeira explicação, há pressuposição de um sujeito cognoscente e psicológico que estaria no caminho para o acerto.

Seria, acreditamos, os efeitos dos textos lidos e de uma fala letrada sobre a fala da criança, por isso podemos dizer que ocorre algo relativo a uma mudança na relação da criança com a língua. Diríamos, no caso da hipótese da singularidade, que se trata de um momento único da relação da criança com a língua (FIGUEIRA, 2001).

Na fala da criança 02 aparece uma reformulação, “eles saiu... ele saiu..”, indicando que há uma escuta para sua fala e, ao mesmo tempo, uma questão para a própria criança, se são um ou mais de um personagem. A flexão do plural está marcada no pronome, como se

observa em “eles viveu feliz” (assim como em outras passagens), como é próprio da sua variedade dialetal.

Em relação à outra narrativa, a da criança 01, podemos dizer que ela também articula os desenhos, sustentando-os pela sua fala, e compondo uma narrativa com eventos que vão ocorrendo com os personagens principais, João e Maria, apesar de suas reformulações se darem também em torno da casinha. A ligação entre os eventos da história vem marcada por “(aí) quando foi” próprio de narrativas orais ou fragmentos provenientes do discurso cotidiano familiar [...] que irrompem na fala da criança e nela se textualizam (BOSCO, 2005).

A expressão prototípica de fechamento dos contos maravilhosos, “e viveram felizes para sempre”, aparece na fala da criança 02 como “e viveram, é... veviram feliz para sempre”. A reformulação ocorrida (de viveram para veviram) indica uma escuta para sua própria fala (DE LEMOS, 2002), mesmo que ainda persista o erro.

CONCLUSÕES

Observamos que nas narrativas das duas crianças, formuladas a partir do desenho a elas apresentado (realizado por elas meses antes), a fala promove articulação para os traçados realizados nos espaços denominados 'começo-meio-fim' (BOSCO, 2005; PEROTTINO, 2005).

Verificamos ainda que há efeito de textos escritos sobre a fala das crianças, bem como erros e acertos em relação aos verbos empregados (e não estamos nos referindo aqui à variedade dialetal das crianças), o que indica a heterogeneidade e imprevisibilidade da fala de criança.

Consideramos a narrativa como um lugar privilegiado para abordar a mudança, a trajetória da criança pela linguagem. A criança entra no sistema simbólico, na língua, que tem uma anterioridade lógica ao sujeito, cuja existência se dá independentemente dele por já

estar na coletividade (SAUSSURE, 1916/2006). A criança vem a ser capturada pelo funcionamento linguístico-discursivo da língua (DE LEMOS, 2002) por meio de sua relação com a fala/escrita do outro. No entanto, essa trajetória pela linguagem, que inclui tornar-se escrevente da sua língua, não se dá sem resistência por parte da criança à ordem própria da língua (SAUSSURE, 1916/2006), como excertos dialógicos e narrativas de crianças ocorridas no contexto escolar indicam.

REFERÊNCIAS

BOSCO, Zelma R. ***A criança na linguagem: A fala, o desenho e a escrita***. Cefiel, Campinas: Unicamp, 2005.

CÂMARA JR., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 18ª Ed. Petrópolis: 1988.

CARVALHO, G. Questões sobre o deslocamento do investigador em aquisição de linguagem. ***Cadernos de Estudos Linguísticos***, v. 47, nº (1) e (2), jan./dez, 2005.

DE LEMOS C. T. G. ***Sobre o estatuto linguístico e discursivo da narrativa na fala da criança***. *Linguística*, v. 13, p. 23-59, 2001.

DE LEMOS, C. T. G. Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação. In. ***Cadernos de Estudos Linguísticos***, nº 42, p. 41-69, Campinas: 2002.

DE LEMOS, C. T. G. Prefácio. In: PERRONI, M. C. ***Desenvolvimento do discurso narrativo***. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

DE LEMOS, C. T. G. Sobre a aquisição da escrita: algumas questões. In: Rojo, R. (Org.). ***Alfabetização e letramento***. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 13-31.

FIGUEIRA, R. A. Marcas insólitas na aquisição do gênero - evidência do fato autonímico na língua e no discurso. *Linguística*. vol.13, p. 97-144, 2001

LEMOS, M. T. ***A língua que me falta: uma análise dos estudos em aquisição da linguagem***. Campinas. Mercado das Letras, 2002.

LIER-DE VITTO, M. F. & CARVALHO, G. O Interacionismo: uma teorização sobre a aquisição da linguagem. In: R. M. Quadros, & I. Finger. ***Teorias de aquisição da linguagem***. Florianópolis: Editora da UFSC, p. 115-146, 2008.

PEREIRA DE CASTRO, M. F. e FIGUEIRA, R. A. ***Aquisição da Linguagem***. In: PFEIFFER, C. G.; NUNES, J. H. (orgs.) ***Linguagem, História e Conhecimento***. Campinas: Pontes, p. 73-102, 2006.

PEROTTINO, S. ***O desenho e a narrativa da criança***. Biblioteca do professor. Campinas: CEFIEL da Unicamp/MEC, 2005.

PEROTTINO, S. ***Sob a condição de não-falar de uma criança: a escrita de caso JM***. 2009. 221 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas.

SAUSSURE, F. ***Curso de Linguística Geral***. São Paulo: Cultrix, 2006.